

A PARTIDA.

Partiu a não da India
E nosso bem nos levou.
BOUSSUET.

PARTEM para os seus
districtos os lindos go-
vernadores civis; deixam
a capital e S. Bento estes
cavallinhos de pasta. Viera-
ram a Lisboa vêr o Ter-
reiro do Paço e fazer casa
nova. Houve muita
gente que se descuidou e
os não foi vêr, e nós de-
sejosos que os habitantes
de Lísia não deixem de
conhecer estes monos, pe-
dimos respeitosamente ao



Culminante, que os demore por mais alguns
dias, a fim de serem vistos e examinados por todos.
Já foi permittido a mr. Chevalier o fazer pe-
loticas no theatro de S. Carlos; não é muito
agora que o mesmo theatro sirva para a exhibi-
ção dos taes estafermos. Sendo mostrados a um
por um primeiramente, e no ultimo dia todos
juntos.

Neste ultimo espectáculo poderão fallar e fa-
zer discursos, podendo ser applaudidos ou pa-
teados á vontade do publico.

Parte-se-nos o coração de dôr, estalam-nos os
calos com a precipitada partida destes cachor-
rinhos.

Eram tão lindinhos, tinham umas barrigui-
nhas tão redondinhas, umas perninhas tão bem-
feitinhas, uns corpos tão agalegados, umas car-
ras tão labregas, que a idéa de os perdermos
nos tira o somno.

Quem poderá passar sem o Vasconcellos! Que
fica sendo o Chiado sem aquelle omnibus Valon-
guero? aquella montanha de tripas, á sombra
da qual se abrigava a gente nos dias de chuva!

Quem poderá passar sem um tal boneco,
que aqui appareceu, intitulado governador civi-
l de Leiria, e que dá em Coimbra pelo nome
de Mello garoto!

Quem não derramará lagrimas de sal e vina-
gre pela ausencia do ameno João Elias, que dá
pezames a rir, e que anda por casa de bota de
montar a que chama chinellos!

Partem estes brutos, e nós, que isto escreve-
mos, não os fomos vêr a S. Bento!! Vergonha
eterna nos annas da nossa vida!!

A' face de Deos, dos homens e das mulhe-
res, promettemos, que se algum dia tivermos
um filho, o mandamos fazer governador civil
para o estarmos a vêr desde pela manhã até á
noite.

CONSPIRAÇÃO.



IMPOSSIVEL
parecia,
que a po-
sição dos
Cabralis-
tas fosse
por mais
tempo in-

definida.

Acaba esse partido de le-
var o ultimo golpe; podemos
considera-lo morto.

Desde muito corriam bo-
atos, certos runs runs, que
annunciavam estarmos che-
gados á vespora de algum
grande cathaclysmo.

Desde muito que se obser-
vava grande agitação entre o
bello sexo.

Na noite do 1.º de Feve-
reiro em local cuberto e ve-
dado aos profanos, teve lo-
gar uma brilhante reunião de tudo quanto a ca-

pital encerra de mais elegante, vaporoso, pro-
fumado, sylfideo e provocador.

Reuniu-se toda a grande familia patulea fe-
minina.

Uma respeitavel matrona tomou a presiden-
cia; a elegante condessa de \*\*\* servia de 1.ª
secretaria, a vaporosissima condessa de \*\*\*
occupava o logar de 2.ª secretaria; tres das mais
distinctas e elegantes baronezas serviam de es-
crutinadoras.

O salão estava arranjado com simplicidade.
Sobre a cadeira da presidente viam-se as tres
graças brincando com os amores.

A casa estava tapetada de flores naturaes para
não offender os minosos pés das intrepidas con-
juradas.

A presidente declarou aberta a sessão.

A 1.ª secretaria passou a fazer a chamada, e
achavam-se presentes tres mil e seiscentas leoas,
e trezentas e quatro pantheras mansas com me-
igas pombas.

A 2.ª secretaria passou a lêr mais de duas mil
cartas de diferentes damas das provincias, quei-
xando-se todas contra a audacia dos cabralistas,
por estes terem o arrojo de tentarem fazer-lhes
a côrte, e pedem providencias; a assembléa fi-
cou inteirada.

Depois lêo diversos massos de cartas amorosas
dirigidas a algumas damas da assembléa por dife-
rentes cabralistas, distinguindo-se entre outras
a do Recta Pronuncia escripta em dez folhas de
papel fool-scape, que principiava por declarar
que era deputado da nação Portugueza, não ti-
nha cabeça, mas sim coração, e terminava com
duas decimas de João Xavier de Mattos.

Leram-se outras do Tom-Puce — do Poças —
do Culminante — do Albano — do Laborim, em
verso — do Cêa Trigueiros, em prosa — e uma
do Caldeirinha, tão perfumada que a viscon-
dessa de \*\*\* esteve a ponto de ter o seu in-
teressante ataque de nervos.

Toda esta correspondencia foi mandada quei-
mar, e as cinzas lançadas na Cova da Piedade.
Teve depois a palavra a formosa baroneza de
\*\*\*, e disse:

« Exm.º presidente! — O chefe do partido
« cabralista declarou em pleno parlamento, que
« o nosso sexo era de porcelana! Este ataque
« deve ser repellido corajosamente, fazendo nós
« vêr a um partido bojudio (grande sensação na
« assembléa) a um partido de papellões (profun-
« da sensação) a esse partido estúpido, in-ipi-
« do, que não dança, que não walsa, que não
« polka e que não mazurka (hilaridade) que te-
« mos força bastante para de todo zombarmos
« de suas perenções (bravos freneticos, vivas
« repetidos e accenam todos os lenços.)

« Conseqüentemente mando para a mesa uma
« proposta, que espero seja approvada pelas
« miúbas lindas e amaveis collegas.»

A illustre oradora sentou-se, bella como os
anjos, e agitada como um zeíro.

A 1.ª secretaria abrindo uma rica cassotele,
e cheirando tres vezes a delicada tubercuse pas-
sou a lêr a seguinte proposta:

Attendendo a que o partido cabralista é es-
sencialmente feio e estúpido, se acha velho,
abandonado e fóra de moda; não podendo ser-
vir senão para formar batalhões da independen-
cia nacional.

Proponho: 1.º Que nenhuma dama que se
considere formosa, elegante, espirituosa, e gosa
da ventura de ter faniquitos, possa admitir a
côrte de individuo algum que pertença ao parti-
do cabralista.

2.º Que quando por ventura algum cabralista
aprenda a walsa ou a polka, nenhuma das men-
cionadas damas o acceite para par; sendo uni-
camente permittido aos ditos cabralistas dança-
rem uns com os outros, de que ha exemplos na
Europa.

3.º As formosas Lisboaetas declaram-se inde-
pendentes do partido cabralista.

4.º Todas as mulheres cabralistas serão daqui
em diante chamadas carrapatas.

5.º Serão expedidas circulares a todas as ele-
gantes das provincias, ordenando-lhes o cum-
primento de quanto fica exposto.

6.º Fica revogada toda a legislação em con-
trario. — Lisboa 1 de Fevereiro de 1848. — Ba-
ronexa de \*\*\*

Sendo a materia julgada urgentissima entrou
em discussão o 1.º artigo; a respeito do qual
pediu a palavra a Exm.º Sr.º D. F.º \*\*\* e
declarou que por um simples passa-tempo ad-
mittia o cortejo de tres cabralistas; mas que
desde já os sacrificava ao bem do paiz, assegura-
ndo á assembléa que passaria no dia seguinte
a namorar um janota.

Mais algumas damas declaram, que por
vezes se tinham divertido á custa dos cabralis-
tas, mas que immediatamente renunciavam a
esse amusement de mauvais genre, e neste sen-
tido mandavam para a mesa as cartas que ti-
nham recebido dos taes botijas. Leram-se varias
destas peças, e observou-se, que em todas os
namorados cabralistas terminavam, pedindo
prensas de algum valor (risada geral.)

O resto dos artigos foram unanimemente ap-
provados sem discussão; e fechou-se a sessão,
então a assembléa vivas aos amôres, aos jan-
otas e á patulea.

Theatro de S. Carlos.

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DE — BRANCA-FLORE —
DIVERTISSIMEM EN 5 ACTOS PELO SR. VIENNA.



NUNCA com-
preendemos
o systema the-
atrico-mimico;
não entendemos
o que quer dizer
um ratão a bater
com a mão no
peito, a apontar
para as bambo-
linas, a unir os
dois dedos indi-
cadores, e depois
dar uma patada
e dançar tudo; esta falta de comprehensão faz
com que não possamos emittr a nossa opinião
sobre a parte coreographica-mimica de baile al-
gum. Branca-Flor, podia bem intitular-se Mal-
mequer, Helogabulo, Luis Philippe, ou José
Bernardo, para nós seria o mesmo.

Trataremos pois sómente da parte de que pes-
camos alguma cousa.

No primeiro acto dançam as raparigas, sendo
o vestuario Cracovienico, o que nos leva a crer
estarmos na Cracovia, paiz que, segundo consta,
nunca fez parte da monarchia Portugueza.

No 2.º acto dançam uns homens muito feios,
que parecem deputados, e o sr. Vienna pensa
nos seus botões, ou em ser escripturado para o
anno proximo. ... Não sabemos no qué pensa,
nem nos importa. A scena deste acto é admira-
vel de desenho, e é verdadeiramente digna dos
pinceis de Rambois e Cinati.

Leva-nos o 3.º acto a um Cemiterio, no cen-
tro do qual se vê a parte exterior de uma Igreja.

Esta scena, ou antes este bello quadro, é rico
de verdade e de correcção; não ha um só deta-
lhe que escapasse ao pincel, não ha um toque
que não revele um pensamento. Os effeitos da
luz acham-se admiravelmente combinados, e o
artista ao lançar na tella tanta riqueza de ima-
ginação, meditava de certo na eternidade! Toda
esta scena valle o baile, e por si só deve atra-
hir a S. Carlos os admiradores do bello.

O que alli se passa é uma imitação da scena
dos tumulos do Roberto do Diabo.

A scena do quarto acto é ideal e apresenta
mais riqueza do que gosto. Pela primeira vez
vimos em S. Carlos nuvens com algum geito;
até agora eram montanhas de papelão que se
desabassem esmagavam o corpo de baile. O ma-
quinista merece dois abraços do empresario.

O vestuario não é rico, mas de bom gosto,
trajam todos á camponeza, o que nos demons-
trou passar-se o caso no campo.

O baile termina com o casamento da Illm.<sup>a</sup> Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Bussola, com o Illm.<sup>o</sup> Sr. D. José Vienna, indo ambos de pé no ar passear por cima do céu.

Tanto Mademoiselle Bussola como D. José Vienna dançaram com perfeição; Mademoiselle Bussola apresentou-se com elegancia, graciosa desenvoltura, e mostrou em todos os passos difficéis excessivo bom gosto e verdadeiro talento. A alfa dos namorados, que occupava diferentes pontos da salla, sustentou um vivissimo e continuado fogo de palmas, e a bella coquette com um rolar de olhos para a direita e para a esquerda, animava o tiroiteio. Fimdo o baile, tanto a sr.<sup>a</sup> Bussola como o sr. D. José Vienna foram chamados fóra.

Agora Illm.<sup>o</sup> Sr. Vicente Coriadini, tenha V. S.<sup>a</sup> muito boas noites, continue a dar-nos destes espectaculos, e verá que o theatro não hade estar deserto e que a imprensa lhe hade fazer justiça.

Tenho a honra de ser

De V. S.<sup>a</sup>

Muito attento venerador e criado

Recta-Pronuncia.

P. S. Caso V. S.<sup>a</sup> ou algum artista do theatro de S. Carlos faça gosto em me ouvir fallar na camara dos deputados, terei a satisfação de lhe mandar os bilhetes da galeria, que quizer, a troco de bilhetes da platéa superior. — Recta.

Depois do jantar dado no dia 5 do corrente por sir H. Seymour aos membros mais influentes da opposição, os cabralistas não tem podido digerir; estão com um osso atravessado

na garganta, e dizem que vamos a ter guerra; que este jantar fóra uma manifestação de rompimento de hostilidades. Que o protocollo está cumprido, e que por isso ninguém deve jantar fóra de casa.

dica somma de quatorze contos de réis. Prefere-se para comprador lord J. Bintinck.

**CORRESPONDENCIAS.**

Sr. REDACTOR.



ENDO s. ex.<sup>o</sup> o sr. conde de tomar com t. pequeno, declarado na sessão de 31 do passado, que por occasião da revolução da Maria da Fonte, os porcos láni aos cemiterios desenterrar cadáveres para sublevar os povos contra o seu governo; declaro á fé de barrasco, natural de Lamego, que nunca desenterei mortos nem tomei parte na revolução do Minho.

Um Porco.

**ANNUNCIOS**

Os bens do conde de tomar constando do castello de Gualdim Paes, palacio da calçada da Estrella, rica baixella de prata, brilhantes, sumptuosa mobilia, equipagens, cavallos, acções de companhias e uma pelle de chibo, são oferecidos á venda por seu dono pela mo-

ESMERINHO-SE o Supplemento ao n.<sup>o</sup> 1096 do Patriota; e acha-se á venda nas lojas do costume.



Antonio de tomar declarou na sessão de 31 do passado, ser ladrão. Os cabralistas dizem que s. ex.<sup>o</sup> foi sublime de logica e de verdade!

A camara municipal acaba de publicar um edital assegurando aos seus constituintes, que nunca tencionou rouba-los. Se a camara não fosse cabralista não se veria por certo obrigada a uma tal declaração.

O sr. José Passos foi miseravelmente atacado no dia 5 do corrente pelo duque de Champagne. Não admira; o sr. José Passos tem sido mordido por muito cão.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.<sup>o</sup> 54.

1848.



A MAIORIA.

Lith. Francosa